



Florian Kummer

DIRETOR DE SUBSCRIÇÃO DE RESSEGUROS DE RAMOS ELEMENTARES PARA A AMÉRICA LATINA DA SWISS RE.

POR OLGA DE MELLO

FOTOS ÉDI PEREIRA



7

CADERNOS DE SEGURO

Tarde demais?

Clima global a um passo do caos

Aquecimento global, inundações, aumento do volume do mar. O cenário apocalíptico sugerido pelas mudanças climáticas que assolam diferentes regiões no mundo pode levar a alterações no mercado de seguros. Até agora, danos causados por catástrofes naturais nem sempre contavam com cobertura. A frequência desses fenômenos, no entanto, já é vista como oportunidade pelo mercado, embora os cientistas não concordem plenamente quanto aos riscos nas variações que atingem o planeta.

Antes de criar qualquer nova cobertura em seguros, para diferentes clientes, é preciso mudar a cultura do mercado brasileiro, acredita Florian Kummer, diretor de Subscrição de Resseguros

de Ramos Elementares para a América Latina da Swiss Re. Kummer conversou com a revista Cadernos de Seguro sobre um estudo realizado pela companhia, que fez uma estimativa sobre as perdas anuais no Brasil com inundações, e abordou a necessidade de criação de um produto que cubra os desastres naturais.

Além dele, a Cadernos também entrevistou o geólogo Geraldo Lino, que defende a adaptação da humanidade às atuais condições climáticas, e a professora do Programa de Pós-graduação em Meteorologia da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Nathalie Tissot Boiaski, uma das principais estudiosas do fenômeno El Niño no País.



O Brasil vem perdendo, desde 2010, uma média de 1,4 bilhão de dólares anuais.

Até 2030, a projeção é de que esses valores cheguem a 4 bilhões de dólares. 

CADERNOS DE SEGURO: Qual é a expectativa de perdas por desastres naturais no Brasil?

FLORIAN KUMMER: Um estudo global da Swiss Re levantou que as perdas econômicas mundiais por catástrofes naturais e desastres provocados pelo homem em 2014 ficaram em torno de 110 bilhões de dólares, com quase 12 mil óbitos. As perdas decorrentes de tempestades severas são uma tendência ascendente. O Brasil vem perdendo, desde 2010, uma média de 1,4 bilhão de dólares anuais. Até 2030, a projeção é de que esses valores cheguem a 4 bilhões de dólares. A população exposta ao risco de inundações e suas consequências, atualmente em 33 milhões de pessoas, deverá chegar a 43 milhões de brasileiros.

CADERNOS: Quantos brasileiros têm seguros que minimizem o impacto desses riscos naturais?

FK: Apenas 3% dos atingidos pelas enchentes de 2011, na Região Serrana do Rio de Janeiro, tinham algum tipo de seguro. Isso serve de base para estimarmos que 97% dos brasileiros não compreendem a importância de uma cobertura. A maioria dos expostos a riscos de enchentes e inundações faz parte de uma camada da população sem recursos para contratar seguros ou que nem tem ideia de como esses produtos funcionam. Essas pessoas dependem, totalmente, de ajudas emergenciais, que demoram a ser concedidas.

CADERNOS: A quem interessaria a criação de um seguro específico contra riscos por inundações no Brasil?

FK: Certamente, o poder público, sobre o qual recai a conta dessas perdas. Um cenário com tendência a frequentes desastres naturais deveria contar com proteção de risco, evitando que os governos se endividassem ou prejudicassem seus planejamentos orçamentários para cobrir os prejuízos. Temos promovido encontros com o mercado para esclarecer as possibilidades de gestão do risco de enchentes, que se configuram como a principal causa de desastres naturais com consequências para o Brasil. O setor tem demonstrado interesse em desenvolver esse seguro, que protegeria, inclusive, os orçamentos públicos. Naturalmente, a introdução desse novo modelo requer um novo marco regulatório e a expansão da colaboração público-privada. Estariam incluídos nisso os microsseguros contra enchentes e resseguro

de infraestrutura pública, além de outras soluções para o setor público, protegendo contra o evento climático mais frequente, caro e de difícil manejo nas áreas urbanas brasileiras.

CADERNOS: Como são os seguros contra desastres naturais em outros países?

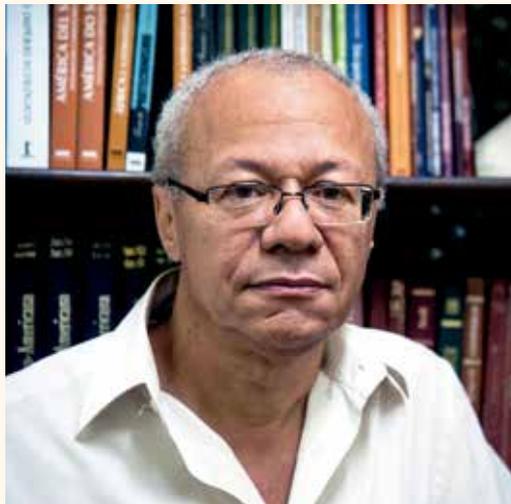
FK: As proteções têm regulações adaptadas a cada realidade, estabelecendo cooperação entre os setores público e privado. Nos Estados Unidos, as seguradoras distribuem o produto e o governo assume integralmente o risco, arcando com a diferença de prêmio em caso de eventos extremos. Na Alemanha, a cobertura para inundações vem como opcional ao

seguro contra incêndio, com preços livres, seguindo valores indicados por mapas de riscos. Na França, os seguros contra incêndio e roubo oferecem cobertura adicional para riscos da natureza. No Reino Unido, vigora a parceria entre o setor privado e o Estado. As seguradoras precificam o risco, com base em mapas de inundação de alta qualidade produzidos pelo governo, e oferecem a cobertura contra enchentes na apólice residencial padrão. Outras localidades, como o México, adotam o sistema de coberturas paramétricas para proteger bens públicos e população mais pobre. Quando o volume de chuvas ultrapassa determinado limite, as seguradoras transferem o risco ao governo. ●





Foto: Adriana Lorete



O geólogo Geraldo Lino defende a adaptação da humanidade às atuais condições climáticas. Inimigo do catastrofismo, ele não vê nenhuma novidade nos desastres naturais que atualmente assolam o planeta e nem credita à ação do homem o aparente aumento da frequência desses fenômenos.

Geraldo Lino

CADERNOS DE SEGURO: O que podemos fazer para evitar o aumento do aquecimento global e suas consequências sobre os fenômenos naturais?

GERALDO LINO: O único aquecimento provocado pelo homem foi o da temperatura nas aglomerações urbanas. Hoje, maiores cidades têm diferença de até seis graus de temperatura para outras localidades, menos populosas e sem tantas construções. Fora isso, o planeta sofre uma situação natural de um período entre duas eras glaciais, caracterizado por chuvas intensas – semelhante ao que os povos de diferentes civilizações descreveram, na Antiguidade, como “dilúvio”. A expressão “alterações climáticas” é redundante. O clima está em constante mutação, e a ação do homem não tem qualquer influência no aquecimento global, salvo na elevação das temperaturas em conglomerados urbanos.

CADERNOS: Desmatamento e exploração de fontes naturais sem reposição não alteram o tipo de vida na Terra?

GL: Sim, existe um perigo real de falta de água pelo descuido com o desmatamento nas nascentes dos rios. Há um imenso risco de doenças e diferentes problemas devido à poluição ambiental, porém o catastrofismo alardeado sobre o futuro do planeta esconde interesses econômicos. Teremos cidades costeiras submersas com a elevação dos oceanos? Provavelmente, porém isso não se dá de um dia para o outro. Em média, o mar sobe um metro a cada século, desde 12 mil anos atrás. Temos que nos precaver contra os desastres, buscando reduzir a poluição, fazendo estudos reais de impacto no solo, cuja pavimentação impede a infiltração de água de chuva – o que leva a enchentes que tiram tantas vidas. ●



Inundações e as suas consequências são frequentes no Brasil, e se agravam nos períodos em que o fenômeno El Niño faz aumentar a incidência de tempestades de primavera nas regiões Sul e Centro-Oeste. Nessas épocas, também se dá uma estiagem prolongada no Norte e Nordeste. Nos últimos anos, o setor agrícola descobriu como lidar com os efeitos do El Niño, reduzindo o risco de perdas de lavouras, explica Nathalie Tissot Boiaski, professora no Programa de Pós-Graduação em Meteorologia da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, uma das principais estudosas do fenômeno no País.

Nathalie Boiaski

CADERNOS DE SEGURO: O agricultor brasileiro aprendeu a conviver com o El Niño?

NATHALIE TISSOT BOIASKI: A agropecuária hoje consegue minimizar os danos causados pelas precipitações de chuva com o El Niño, optando por produzir culturas resistentes no Sul, como o milho. No Norte e Nordeste também já existem técnicas de manejo hídrico que ajudam a enfrentar a situação.

CADERNOS: Este ano, a previsão indica que o El Niño vai agravar a época de chuvas fortes. Quando isso deve acontecer novamente?

NTB: Ainda se sabe muito pouco sobre o El Niño. Apenas se observa, desde 1998, que a cada quatro anos há um aquecimento anômalo das águas superficiais do Oceano Pacífico. O ápice do fenômeno é na primavera, com o aumento das tempestades na região Sul do Brasil, que já verificamos. Isso nada tem a ver com os verões de altíssimas temperaturas no Sudeste, caracterizados por pancadas de chuva que levam ao deslizamento de terras. Sim, deve chover muito no verão, como todos os anos, porque fará muito calor, também como sempre acontece nas regiões dos trópicos. ●